

O SUCESSO ESTÁ EM SUAS MÃOS: ANÁLISE DO DISCURSO DE AUTO-AJUDA *

Anna Flora BRUNELLI

RESUMO *Neste artigo, apresentamos as linhas gerais da análise que desenvolvemos sobre o discurso de auto-ajuda, na qual, seguindo a abordagem interdiscursiva de Maingueneau (1983, 1984), revelamos alguns dos traços semânticos que definem esse discurso.*

ABSTRACT *In this paper, we introduce the principal aspects of the analysis that we developed about self-help discourse, in which, based on Maingueneau's interdiscursive approach (1983, 1984), we reveal some of the semantics features that define this discourse.*

APRESENTAÇÃO

Como se sabe, os livros de auto-ajuda são um sucesso absoluto de vendas em vários países, inclusive no Brasil. Diante do inegável sucesso de vendas desses livros, parece-nos interessante promover um estudo a respeito dos textos de auto-ajuda, analisando-os do ponto de vista do discurso, especialmente porque os trabalhos realizados até então sobre o tema, inscritos em outras ciências humanas, voltam-se, essencialmente, para a compreensão do desenvolvimento e da expansão da literatura de auto-ajuda, apresentando uma reflexão sobre suas condições de emergência e de circulação. Considerando a natureza desses trabalhos, pareceu-nos interessante desenvolver um estudo que, de um outro ponto de vista, pudesse fornecer algum subsídio para as reflexões sobre a sociedade contemporânea, especialmente porque o discurso, sem deixar de ser um objeto empírico, é também um lugar teórico de emergência de questões históricas.

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 18 de fevereiro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Sírio Possenti.

Assim, nesse estudo, investigamos o discurso de auto-ajuda a partir da abordagem interdiscursiva proposta por Maingueneau (1983, 1984), segundo a qual um discurso qualquer é considerado como um sistema de coerções semânticas globais, isto é, como um conjunto de traços semânticos que restringe, ao mesmo tempo, todas as dimensões discursivas (vocabulário, temas tratados, intertextualidade, instâncias de enunciação etc.), definindo o que Maingueneau chama de *operadores de individuação*. Estes constituem uma espécie de “filtro que fixa os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto dos textos possíveis como pertencendo a uma formação discursiva determinada” (Maingueneau, 1984, p. 45-6). O caráter global desse sistema descarta a idéia de que o discurso apresente em seu interior um lugar (por exemplo, o léxico) em que sua especificidade estaria condensada. Daí a crítica do autor àquelas análises que consideram as coerções semânticas como o que seria a “profundeza” de um discurso, opondo-a ao que seria a sua suposta superfície.

A partir proposta de Maingueneau, analisamos o discurso de auto-ajuda, procurando definir o seu sistema de coerções semânticas, isto é, procurando revelar alguns dos traços semânticos que o constituem. Para tanto, estabelecemos um *corpùs* constituído por livros escritos originalmente em Língua Portuguesa e, para que a análise pudesse revelar as características do discurso de auto-ajuda tal como se encontra circulando atualmente, procuramos trabalhar com obras que ainda estivessem disponíveis no mercado, ou seja, selecionamos obras lançadas ou re-editadas depois de 1990.

Iniciamos a análise do discurso de auto-ajuda examinando a modalidade, para avaliar uma hipótese que formulamos a respeito do discurso em questão, isto é, que a manifestação da certeza é um dos traços que o constituem, ao mesmo tempo em que a manifestação da dúvida é um dos que rejeita. Como o discurso de auto-ajuda prega que a realização de qualquer projeto depende da crença incondicional no seu sucesso, então acreditamos que os autores de auto-ajuda, enquanto sujeito-enunciadores desse discurso, também devem manifestar em seus textos, com relação às teses que propõem, essa mesma crença/confiança que pregam aos seus leitores.

Desse modo, com base em trabalhos funcionalistas, analisamos a expressão da modalidade no discurso de auto-ajuda, especialmente a expressão da modalidade epistêmica, o que nos levou a encontrar um conjunto de sinais que apontam para a confirmação da hipótese que formulamos. Esses sinais podem ser resumidos no fato de que não encontramos nenhum registro de incerteza nos enunciados analisados. Na verdade, encontramos registros de incerteza, mas não de incerteza assumida pelo sujeito-enunciador. Certo do que diz, esse sujeito-enunciador sempre se distancia de seus enunciados quando há neles alguma marca do possível (isto é, do que não é dado como certo, como garantido). Trata-se, portanto, de um sujeito-enunciador que foge do terreno da incerteza e que é bastante convicto do que diz.

A partir dessa análise, desenvolvemos um estudo sobre o *ethos* (segundo a concepção de Maingueneau) do discurso de auto-ajuda, procurando relacionar as características desse *ethos* com as coerções semânticas que nos parecem autorizá-las.

Por *ethos* Maingueneau entende o conjunto de características relacionadas ao sujeito-enunciador de um discurso que é revelado pelo próprio modo como esse sujeito enuncia. Trata-se, portanto, não do que esse sujeito diz a respeito de si mesmo, mas a personalidade que projeta pelo seu modo de expressão. Assim, com a análise do *ethos* do discurso de auto-ajuda, é possível traçar o perfil do seu sujeito-enunciador. Uma vez que as características essenciais da enunciação do discurso de auto-ajuda são, segundo a análise que desenvolvemos, a manifestação da certeza e objetividade, verificamos que o *ethos* desse discurso é o do homem seguro, **autoconfiante**, **determinado** e **autocentrado**, que está voltado para os seus objetivos e interesses e que age em busca de seu próprio bem. Nesse sentido, o homem que corresponde ao *ethos* do discurso de auto-ajuda encarna o tipo ideal de homem do individualismo, cujo desenvolvimento está ligado às transformações sofridas pelas sociedades pós-modernas, assim como é o caso da emergência e da expansão da literatura de auto-ajuda. Por outro lado, ao propor uma forma ideal de habitar o mundo, o discurso de auto-ajuda constrói automaticamente o *ethos* que rejeita. Trata-se do *ethos* do homem inseguro, que teme o futuro e que deixa as oportunidades passarem, do homem que não acredita em si e que, ao invés de agir, perde tempo se lamentando e encontrando desculpas para a sua falta de ação diante dos fatos da vida, postergando os seus projetos ou culpando o mundo e as coisas que estão ao seu redor pelo próprio fracasso.

Por outro lado, tendo em vista que a semântica global que engendra cada discurso define os diversos modos da subjetividade enunciativa, entendemos que, para legitimar seu dizer, além do *ethos*, cada discurso define “o *estatuto* que deve conferir-se o sujeito-enunciador e aquele que deve conferir a seu destinatário” (Maingueneau, 1984, p.95). Em função dessa constatação, analisamos também o modo como o sujeito-enunciador do discurso de auto-ajuda se apresenta e/ou é apresentado, isto é, os traços que ele se atribui ou que lhe são atribuídos no interior desse discurso. Assim, verificamos que ser sujeito-enunciador do discurso de auto-ajuda é assumir um lugar de saber, ou seja, é colocar-se num lugar de enunciação que implica ter um conhecimento especial ou específico para ser transmitido. Logicamente, isso não significa que estamos propondo que os autores de auto-ajuda, enquanto pessoas empíricas, tenham realmente alguma saber especial que precisa ser passado para o resto da humanidade; na verdade, enunciar a partir desse lugar é apresentar-se como tendo esse saber e, realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo. Sendo assim, ser sujeito-enunciador do discurso de auto-ajuda é assumir o lugar de um orientador, de alguém dotado de um conhecimento distinto, que deve ser compartilhado em função de sua utilidade. Conseqüentemente, a imagem conferida ao destinatário pelo sujeito-enunciador é essencialmente a de alguém que necessita de uma orientação, seja porque é uma pessoa infeliz, seja porque é uma pessoa insatisfeita com a vida, etc.

Em seguida, analisando em que medida alguns enunciados do discurso de auto-ajuda se aproximam dos provérbios, procuramos destacar os efeitos de sentido dessa semelhança. Para tanto, comparamos as propriedades desses enunciados com as dos

provérbios apresentadas por Rocha (1995), que investiga o emprego dos provérbios, situando seu trabalho no campo da lingüística da enunciação e do discurso. Essa análise nos conduziu a concluir que o discurso de auto-ajuda, em função de suas características, pode ser considerado como um caso de **captação do gênero proverbial**, segundo designação proposta no trabalho de Grésillion e Maingueneau (1984), o que justifica a existência, em seus textos, de enunciados que apresentam as mesmas propriedades dos provérbios. Entre as características que aproximam o discurso de auto-ajuda e o gênero proverbial, destacamos: o **oferecimento** de um aconselhamento feito de forma rápida, incisiva, segura e embalada em autoridade e a **capacidade** de se encaixar nos contextos a que são remetidos. Além disso, na condição de um caso de captação do gênero proverbial, o discurso de auto-ajuda, possivelmente em função das necessidades do homem moderno, reforça especialmente o valor pragmático dos provérbios. Como até mesmo os provérbios fatalistas apresentam uma “esperança” subjacente, o discurso de auto-ajuda amplia essa esperança para socorrer seu destinatário, chamando-o a uma ação que deve resolver os seus problemas, o que justifica, inclusive, o tom otimista dos enunciados de auto-ajuda. Nesse sentido, vale dizer, o discurso de auto-ajuda não é a cópia de um modelo original que estaria se perpetuando no tempo, mas a absorção de certas características que se adaptam às condições de emergência de um simulacro desse modelo. Ou, dito de um modo que parafraseia Maingueneau¹: quando uma formação discursiva faz penetrar seu Outro constitutivo em seu próprio interior, ela “traduz” esse Outro, isto é, interpreta-o por meio de suas próprias categorias. Constatamos, então, que o Outro não é exatamente um produto pronto e acabado, que o discurso apenas reproduz: é matéria-prima a partir da qual o discurso se constitui num trabalho que desfaz a nitidez das fronteiras entre a identidade e a alteridade.

Posteriormente, sempre seguindo os passos de Maingueneau, investigamos alguns aspectos da intertextualidade do discurso de auto-ajuda, numa tentativa de continuar revelando as propriedades desse discurso e de avaliar os resultados já obtidos nos capítulos anteriores. Para tanto, analisamos as citações que encontramos em alguns textos representativos do discurso de auto-ajuda, a partir das contribuições de Bakhtin a respeito do fenômeno da citação. Essencialmente, a análise revela que a citação presente nos textos de auto-ajuda constrói a ilusão de que, fora do discurso em questão, se encontra, facilmente e em diversos lugares, respaldo para as teses propostas. Em alguns casos, inclusive, fica difícil enxergar exatamente o que é discurso de auto-ajuda e o que não é. Assim, tal como é praticada pelo discurso de auto-ajuda, a citação cria, às vezes, a ilusão de que outro é muito semelhante ou mesmo um igual, isto é, não é alguém convocado meramente para sustentar o que está sendo dito porque seu discurso serve de respaldo para as teses defendidas, mas é alguém convocado porque seu discurso também está envolvido com a temática do sucesso, da prosperidade, da felicidade, etc.,

¹ Cf. Maingueneau, 1989, p.120.

ou porque está próximo dessa temática (e, obviamente, porque é alguém conhecido, famoso, de sucesso profissional, etc.). Desse modo, o discurso de auto-ajuda parece ser um bom exemplo de que **a heterogeneidade discursiva é essencialmente um princípio regulador**, a partir do qual as formações discursivas se organizam numa eterna tentativa de sobrepujá-lo. Diante da figura ameaçadora do interdiscurso, um discurso qualquer, como o de auto-ajuda, esforça-se sempre para se conservar, o que só pode ser feito, obviamente, a partir de suas próprias categorias. Como não pode pôr um fim na existência dos outros, ele procura se reproduzir constantemente, inclusive por meio de uma tradução do outro e de suas categorias em algo que lhe seja próprio. Nesse sentido, a heterogeneidade mostrada é sempre um simulacro do próprio processo de constituição e manutenção das formações discursivas que, convocando outros discursos para se constituírem, misturam-se com eles e a eles numa estratégia que oculta as verdadeiras vozes que os ameaçam. Ou seja, uma formação discursiva, por não poder apreender a totalidade da matéria que a constitui, contenta-se em transfigurá-la em uma heterogeneidade superficial, localizável e aparentemente circunstancial, num gesto de uma suposta auto-suficiência.

Por outro lado, análise da citação no discurso de auto-ajuda nos estimula a dar continuidade à investigação de uma hipótese que formulamos no capítulo anterior, isto é, que o traço [+ universalidade] faça parte do sistema de coerções semânticas do discurso em questão. Numa etapa anterior da análise, havíamos levantado essa hipótese em função da abrangência temática do discurso de auto-ajuda, o que faz com que nem sempre possamos encontrar um consenso entre enunciados que pertencem a obras diferentes, embora isso não crie um problema de coerência para esse discurso, tendo em vista que, essencialmente, todos os textos de auto-ajuda, qualquer que seja o ramo a que se voltem, têm enunciados práticos que se encaixam nos contextos a que são remetidos e convocam seus destinatários a uma ação. Do ponto de vista da análise, essa abrangência temática pode ser considerada como uma das manifestações da heterogeneidade do discurso de auto-ajuda, que também pode ser percebida na diversidade de fontes que servem para dar credibilidade às teses do discurso de auto-ajuda. Como não há nenhum traço evidentemente comum entre as fontes de citação encontradas na análise, parece-nos que, a princípio, qualquer cultura, qualquer religião, qualquer escritor ou personalidade famosa pode ter algo para acrescentar aos que procuram um desenvolvimento pessoal. Na verdade, o único traço que realmente une essas fontes de citação é o fato de que todas são citações de auto-ajuda, mas, fora desse contexto, não há nada que as aproxime de forma mais evidente. Precipitadamente, poderíamos imaginar que o ponto em comum entre essas fontes seja a temática do sucesso, da prosperidade, da elevação (pessoal, profissional, espiritual, etc.). Porém talvez esse seja, de fato, um efeito de sentido produzido pelo próprio discurso de auto-ajuda na condição de contexto no qual estão inseridos os enunciados das fontes em questão. Por isso, descartamos essa hipótese, supondo que o discurso de auto-ajuda, em função do traço [+ universalidade], tenha condições de subtrair dos outros discursos

aquilo que eles têm de mais geral, de menos contextualmente dependente, para citá-los em um modo que vai, justamente, reforçar essa característica, de tal forma que não seja mais possível identificarmos o começo do processo.

Por fim, promovemos uma revisão da noção de sujeito sustentada pela Análise do Discurso francesa. Essencialmente, com base em Possenti (1995 e 2002) e em de Certeau (1990), entendemos que as ações do sujeito, incluindo aí seu discurso, devem sempre ser entendidas como dependentes das condições sócio-históricas que encontra originadas do passado e que as limitam, sem que isso signifique a anulação ou a irrelevância de seu papel. Assim, ainda que o sujeito seja interpelado por ideologias e afetado pelo seu inconsciente e que seu discurso seja produto do interdiscurso, entendemos que há um espaço (obviamente limitado) no qual ele realiza certas manobras lingüísticas, inclusive de escolhas. Entre outras coisas, essa concepção de sujeito nos permite compreender melhor a citação no discurso de auto-ajuda: como se sabe, as citações podem ser utilizadas como exemplos da presença de uma alteridade na cadeia discursiva, atestando que o sujeito não está sozinho, que há um outro com o qual divide a responsabilidade do que diz; mas elas também se prestam como provas de um certo saber do sujeito, que é revelado quando o sujeito emprega bem esta ou aquela citação, conforme acontece no caso do discurso de auto-ajuda, no qual podemos notar que o trabalho de sujeitos atentos às possíveis correspondências entre o que sustentam e os dizeres de autores que desfrutaram de muito crédito. Portanto, são sujeitos em atividades que envolvem pelo menos um certo grau de conhecimento e de consciência, ou seja, trata-se de sujeitos que, como tantos outros, reciclam o já-dito e reinventam o cotidiano com uma boa dose de criatividade.

As análises desenvolvidas nos levam a concluir que a literatura de auto-ajuda pode ser considerada, essencialmente, como um único discurso, independentemente das diferenças que encontramos entre algumas obras (tais como os vínculos religiosos que algumas obras apresentam e outras não), tendo em vista que os traços semânticos que encontramos são comuns a todos os textos que compõem o *cópus*. No projeto que deu origem ao trabalho em questão, havíamos lançado a hipótese de que a literatura de auto-ajuda poderia ser um espaço discursivo no qual se delimitavam/coexistiam discursos bastante próximos, ligados possivelmente a uma série de pequenas e significativas transformações que teriam sofrido diversos ensinamentos religiosos que tinham em comum a crença no esforço individual como caminho para a evolução espiritual. Desse modo, havíamos postulado a hipótese de que poderia existir mais de um discurso de auto-ajuda em circulação. Nesse sentido, a análise deveria revelar quais seriam as características desses sistemas. Entretanto, a análise que empreendemos não apontou nada que nos permitisse confirmar que os textos de auto-ajuda estão realmente articulados a mais de um sistema de coerções semânticas.

A esse respeito, havíamos mesmo previsto que não seriam encontradas diferenças significativas entre os textos do *cópus* que nos autorizassem a postular a existência de mais de um discurso, mas de um único sistema de coerções semânticas, que é o postulado

que, neste momento, nos parece mais adequado, segundo a análise que desenvolvemos. Foi preciso, portanto, desenvolver uma análise do material em questão para que pudéssemos compreender a natureza das pequenas variações presentes no *cópus* e concluir que elas não ultrapassam os limites da formação discursiva na qual se enquadram. Por outro lado, como a análise que desenvolvemos não se pretende completa nem definitiva, é possível que uma análise mais apurada dessas variações apresente outros resultados. Afinal, o que se apresenta no trabalho que desenvolvemos não é a chave para a interpretação definitiva do discurso de auto-ajuda, mas uma discussão de um conjunto de traços que podem, ao lado de outros complementares (e até mesmo concorrentes!), ser propostos para caracterizar o discurso em questão. Talvez seja por isso mesmo que o trabalho não tenha exatamente uma conclusão, que é substituída pela aceitação da incompletude e da transitoriedade da análise realizada. Nesse sentido, parece-nos mais adequado afirmar que a verdadeira hipótese que avaliamos ao longo de todo o trabalho diz respeito à abordagem adotada, pois o trabalho testemunha a pertinência dessa abordagem como fundamento para um tipo de estudo que “pretende dar conta das diversas dimensões da discursividade” (Maingueneau, 1989, p. 119), de uma forma articulada que, superando a idéia de que a especificidade dos discursos esteja localizada em alguma “base” que a análise deveria fazer emergir, procura recuperar a coerência global que integra os diversos planos de um discurso, sem reduzi-lo a uma ou outra das propriedades que o singularizam.

Além disso, caracterizando o discurso de auto-ajuda por meio de alguns traços semânticos que permitem diferenciar a produção textual a ele relacionada do conjunto de textos que circulam numa dada conjuntura histórica, talvez o trabalho que desenvolvemos contribua, de alguma forma, para a compreensão da conjuntura em que o discurso analisado se insere, na medida em que seus traços, ainda que de modo sutil, são articulados às condições de emergência e de circulação do discurso, ou seja, ao desenvolvimento do individualismo, um dos pilares de sustentação do capitalismo na pós-modernidade. Porém, é preciso dizer que essa articulação nunca foi nosso foco principal, tendo em vista que o trabalho está inscrito numa Análise do Discurso que mantém uma relação privilegiada com a Linguística. Desse modo, no trabalho, o ponto de vista histórico está nitidamente reduzido em relação ao ponto de vista linguístico, o que foi um modo de delimitar um horizonte de questões em detrimento de outras cuja formulação se justifica mais adequadamente em outras perspectivas.

Considerando os resultados obtidos, talvez seja possível, de um forma descompromissada, traçar alguns rumos para pesquisas que poderiam dar seguimento ao trabalho realizado. Inicialmente, seria preciso dar continuidade, conforme já dito, à investigação da hipótese de que o traço [+ universalidade] seja adequado para caracterizar o discurso de auto-ajuda. Parece-nos que essa investigação poderia esclarecer algo a respeito da relação entre o discurso de auto-ajuda e o que hoje é, praticamente, um gênero textual que leva o mesmo nome. Por essa denominação, estamos nos referindo a pequenas publicações do tipo “faça você mesmo”. Trata-se

essencialmente de textos curtos que se assemelham muito a receitas e que se destinam a ensinar como fazer uma infinidade de tarefas cotidianas, tais como: montar um jardim, arrumar as malas, organizar uma festa, tratar de animais domésticos, organizar um fichário, executar pequenos consertos, etc. É possível que o traço em questão seja adequado para caracterizar esse tipo de produção textual que pode compartilhar com o discurso de auto-ajuda outros traços, tais como a objetividade e o direcionamento para os pontos principais. Talvez esse tipo de produção textual seja resultado de uma transformação do discurso de auto-ajuda que, em função do traço da universalidade, tenha se expandido para outros domínios, para além do desenvolvimento pessoal, profissional e espiritual, procurando atender as necessidades do indivíduo pós-moderno, inserido num contexto que exige que ele caminhe sempre de forma independente e concentrado em seus próprios interesses, sejam eles conseguir um novo emprego ou aprender a variar o nó de gravata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- de CERTAU, M. (1990). *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- GRÉSILLION, A. & MAINGUENEAU, D. (1984). Polyphonie, proverbe et détournement. *Langages*, Paris, n.73, p.112-125.
- MAINGUENEAU, D. (1983). *Semantiqué de la polemiqué*. Lausanne: L'Age d'homme.
- _____. (1984). *Gènése du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga.
- _____. (1989). *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Fontes & Editora da UNICAMP.
- POSSENTI, S. (1995). O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. *Alfa*, São Paulo, n.39, p.45-55.
- POSSENTI, S. (2002). *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições.
- ROCHA, R. (1995). *A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português*. São Paulo: Annablume.